

OS PROCESSOS FONOLÓGICOS E O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS FALADO POR LATUNDÊ: DESCRIÇÃO PRELIMINAR

Gustavo da Silveira AMORIM
Instituto Federal de Alagoas (IFAL)
Gustavoamorim2004@ig.com.br

Resumo: Com intuito de colaborar com os estudos linguísticos indígenas, este trabalho descreve, preliminarmente, os processos fonéticos vocálicos que resultam do contato do português com o latundê. Trata-se de resultados preliminares de um estudo macro que investiga as línguas em contato. Nele, podemos perceber que o sistema vocálico de uma língua (no caso aqui: o português) é demasiadamente influenciado pelos sistemas da outra língua (o latundê). Neste trabalho utilizamos os pressupostos teóricos percorridos em Romaine (2000), Telles (2002), Spencer (2005), Lass (1995) e Bisol (2001). Os dados são recortes da fala de seis componentes do povo latundê. Os resultados preliminares apontam que além dos processos fonéticos diretamente ligados ao sistema vocálico (monotongação e ditongação), outros processos também são desencadeados pelos segmentos vocálicos nas sílabas pré- e pós-tônicas de acordo com a perda, ganho ou fortalecimento desses segmentos.

Palavras-chave: Processos fonéticos; Sistema vocálico; Português falado por latundê.

1. Introdução

O Brasil é composto por uma gama de comunidades linguísticas. Embora entendido por muitos como um país monolíngue, aqui coexistem cerca de 180 línguas¹ que se encontram no interior do país, mais especificamente no norte e nordeste, (SEKI, 2000, p.238). O próprio idioma nacional tem em seu léxico as marcas deste intercâmbio linguístico oriundo da variação e, posteriormente, da mudança linguística. No nosso léxico, encontramos palavras de muitas origens: latinas, árabes, africanas, francesas, inglesas, tupi-guarani.² A nossa sintaxe apresenta suas particularidades, diferenciando-se dos outros “*portugueses*”. Esta complexidade e riqueza dão a ele os termos de país multicultural e plurilinguístico.

Muitas dessas línguas que formam este arsenal linguístico não foram e, possivelmente, não serão conhecidas, e, tão pouco, estudadas. São cosmovisões que não serão descritas, conhecimentos milenares perdidos, já que muitas dessas datam de tão longo período, trazendo grande prejuízo à ciência linguística brasileira e mundial. A dificuldade de se chegar a essas comunidades devido à localização geográfica, além do extermínio linguístico oriundo dos conflitos internos (entre as próprias comunidades indígenas), e dos conflitos externos (com os brancos) dificultam o registro e análise destes sistemas linguísticos.

Embora, grande tenha sido a procura e o interesse de se conhecer as línguas indígenas brasileiras com o propósito de documentá-las, a grande maioria dessas línguas já formas extintas, e delas não há sequer formas de registros, pois algumas sociedades não possuem sistema de escrita e, neste caso, sua identidade linguística não poderá ser transferida

¹ Há indícios de que ao chegarem ao Brasil, em 1500, os portugueses encontraram cerca de mil línguas sendo faladas aqui.

² Para melhor compreensão ver Carvalho, 2009.

aos seus descendentes e nem à comunidade em geral. Sendo assim as gerações futuras não terão acesso a tais sistemas linguísticos.

Diante do que fora exposto, entendemos que a diversidade linguística e cultural brasileira é uma riqueza que necessita ser bem melhor compreendida, documentada e preservada. Ao perder uma língua, perdemos os conhecimentos incorporados a ela. Não apenas conhecimentos linguísticos, mas culturais, científicos, históricos, etc. Conforme Costa, 1993, *a valorização e preservação das línguas é um direito universal e inalienável que devemos reconhecer e defender*, p.23.

No mais, compreendemos que as pesquisas que englobam o conhecimento sistemático das línguas, bem como a maneira como elas funcionam contribuem para o avanço das pesquisas que tratam da classificação linguística e, sobretudo, da faculdade humana da linguagem³.

Os processos fonéticos resultantes da dinamicidade das línguas do mundo são objetos de constantes estudos e pesquisas. Tal fato se confirma diante da riqueza de línguas que temos não apenas em nosso planeta como, também, em nosso país.

Sabe-se que o Brasil é um território plurilíngue e multirracial. Quanto aos indígenas, especificamente, essa pluralidade se encontra ameaçada desde os primórdios do "descobrimento" do Brasil, tendo em vista o glotossídio e a carência de políticas públicas para manutenção e salvamento das línguas brasileiras, o que o torna um campo fértil e desafiador para a realização dessas pesquisas.

No que tange ao povo Latundê (Família Nambikwara) tal contato abrupto não fora diferente uma vez que este povo sofreu com os constantes contatos com os "brancos".

De origem Tupi, o vocábulo Nambikwára, é o resultado da fusão dos termos "nambi", que significa "orelha"; e "kuara", cujo significado é "buraco". Portanto, Nambikwára é "buraco de orelha". Esta etnia é subdividida em Nambikwára do Sul (conhecidos como Nambikwára do Campo) e Nambikwára do Norte.

Os índios Nambikwára estavam entre os indígenas que ajudaram a comissão do governo a alcançar os lugares mais hostis. Este encontro entre indígenas e brancos culminou em invasões e conflitos entre povos, além das doenças que foram trazidas pelos não-indígenas. Por isso, a extinção de várias tribos e povos, além do prejuízo linguístico resultante aculturação dos indígenas frente à presença do não-índio, uma vez que para que ocorresse o processo de interação, os indígenas se viram obrigados a aprender o português.

O território dos Nambikwára está situado na área entre os rios Juruena e Comemoração. É de Roquete-Pinto (1919)⁴ a exposição mais aceita que descreve os limites geográficos das terras desses povos da seguinte forma: pelo Rio Papagaio (sul), pelo rio Gi-Paraná (norte), pelo rio Tapajós (leste), e rio Guaporé (oeste). Price (1983)⁵ também descreve o território desses povos da mesma forma de Roquete-Pinto. Os dados atuais indicam que os Nambikwára, hoje, cerca de dois mil desses índios são distribuídos em seis Terras indígenas e vivem no sudoeste do Mato Grosso e áreas próximas de Rondônia, entre a floresta amazônica e o cerrado, FUNAI⁶.

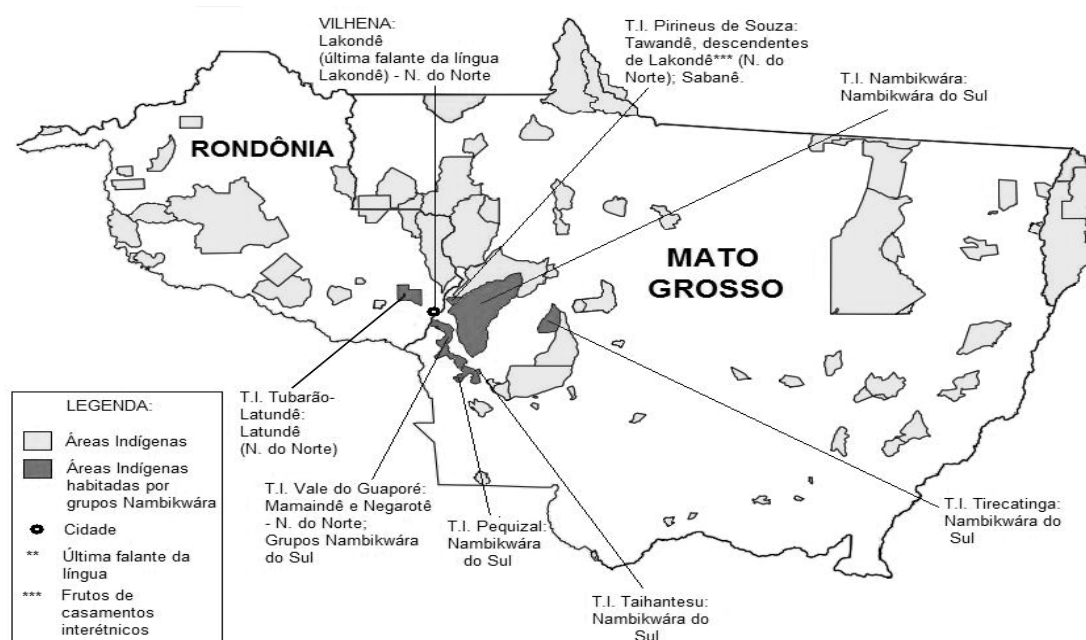
³ Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua, isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendida como resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano, a qual deve estar fincada na biologia do cérebro / mente da espécie e é destinada a constituir a competência linguística de um falante. Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como faculdade da linguagem, KENEDY (2008, p. 129).

⁴ Apud Braga, 2002, p.29.

⁵ Apud Braga, 2002, p. 29.

⁶ Fundação Nacional do Índio

Figura 1: Localização atual dos Nambikwára



No final do século XX, a população desses povos foi reduzida a mais ou menos 650, sendo 50 deles crianças. Price (1985, p. 312) chama a atenção para o processo de aculturação, pois para elas - as crianças - “*seria mais confortável falar português que a língua dos seus pais*”.⁷

Contatados no início com a ajuda dos índios Aikaná aproximadamente em 1976, o povo Latundê está assentado no estado de Rondônia, mas precisamente na região sudoeste deste, numa área de 116.613.671 hec. Suas terras estão sob a jurisprudence do Município de Chupinguaia que fica a 150 km de Vilhena. Junto aos latundê, convivem nessa área outros dois grupos Aikaná e Kwazá que não mantêm nenhum grau de parentesco linguístico com os latundê.

Price (1977, p. 72-73)⁸ descreve que o então Capataz Rural Jorge Falcão fora informalmente designado encarregado da operação de contato. Acompanhado por cinco índios Aikaná e um serigueiro, após cinco dias, ocorreu o encontro com os Latundê. Neste primeiro momento, o desconhecido povo tremia de medo, mas se posicionaram, ainda que fragilmente, na linha de defesa. Após dormirem no campo, o capataz e demais membros da excursão conseguiram, no outro dia, um contato comprovado por poucas fotografias com o povo Latundê. Jorge descreveu que tais índios não conseguiram se comunicar com os Aikaná e que eram em número de 10 homens e 8 crianças, afora poucas crianças que afirma não tê-las visto.

A FUNAI, em 1977, com a ajuda do Capataz Rural realizou uma nova excursão aos índios Latundê. Desta vez, além de Jorge, juntos a ele estavam presentes David Price e dois índios Nambikwára do Norte (Lakondê) que conseguiram identificar os Latundê como também pertencentes à etnia Nambikwára do Norte. Foram mensurados como uma aldeia composta por oito casas e dezenove habitantes.⁹

⁷ “...fifty were children who are probably more comfortable speaking Portuguese than the languages of their parents.”

⁸ Apud Telles 2002, p. 15.

⁹ Para uma descrição mais detalhada ver Telles, 2002, p.17.

O povo Latundê, em 1999 era composto por vinte pessoas. Mas entre 1999 e 2000 a tribo ficou ainda menor com a saída de três dos membros: Fátima (irmã de Terezinha¹⁰), Batatá (a mais velha da tribo); e João (irmão solteiro de Terezinha). As crianças e os jovens da tribo são, na sua maioria, parentes consanguíneos. Diante disto, os mais novos não poderão coabitar entre si, o que acarretará a não autonomia e a não perpetuação do grupo Latundê.

2. Os processos fonéticos no Português falado pelos latundê¹¹

É senso comum entre os estudiosos que as línguas mudam em diversos aspectos. Dessa feita, a variação e a mudança lhes são inerentes, conforme Cezario & Votre, 2008, p. 141.

Tal assertiva não pode ser tão simplista tendo em vista as motivações que se configuram no processo de mudança linguística. Além do fator tempo, outros aspectos estão intrinsecamente ligados às transformações as quais uma língua pode passar.

A mudança não é instantânea ou abrupta. Doutra forma, não podemos afirmar que ela, a mudança, seja regular em todos os casos. Devido à complexidade das transformações linguísticas, não podemos estabelecer um único molde para explicar estas modificações, haja vista que cada caso é particular quando tratamos de mudança linguística.

Como fora tratado no capítulo sobre "Contato linguístico", o encontro de duas ou mais línguas pode resultar, ou não, em outras línguas. O nível de interferência oriundo do contato pode fazer com que uma das línguas desapareça, o que ocasionaria a sua morte; e geralmente, neste caso, sobreviveria a língua do dominador; ou, a permanência dos dois códigos linguísticos tal qual ocorre entre os Latundê.

A complexidade da fusão de duas línguas desencadeia, por si só, uma série de processos que perpassa os diferentes níveis da gramática. No entanto, é no nível fonético/fonológico que estes processos são mais frutíferos. Sendo assim, podemos afirmar que os níveis fonéticos e fonológicos apresentam o maior índice de mudança e variação de uma língua. Por outro lado, de acordo com Cavaliere 2005, p. 56:

Os estudos desses processos nos auxiliam, enquanto estudiosos da língua, a entender como se comporta a mudança da língua, mediante verificação dos fatos ocorridos no passado que se mantêm no presente, bem como os que não mais se manifestam as mudanças dos sons nos usos hodiernos.

A análise realizada dos processos fonológicos do Português falado pelos latundê terá como base a estrutura silábica do português e do latundê. Ressalvamos que os dados foram retirados de Telles, 2002.

Vale advertir que para uma melhor compreensão, a análise dos fenômenos observados seguem distribuídas em quatro subgrupos que envolvem os processos fonéticos em xeque: i) perda de elementos, ii) ganho; iii) alteração (transposição ou permuta).

2.1. Perda de elementos

¹⁰ Trata-se da informante deste projeto de pesquisa.

¹¹ Conforme Battisti e Vieira, 2005, muitas das regras fonológicas que atuam no Português Brasileiro podem estar no domínio da prosódica, da fonotática ou da morfologia. Neste trabalho, mais do que investigar quais os processos são atuantes no português, pretendemos investigar quais processos se configuram no encontro dessas duas línguas. Pois, assim como tais processos ocorrem no PB, é possível que os processos ocorrentes no Latundê influenciem o português resultante do contato linguístico.

Seguindo a tendência das línguas do mundo, os processos que envolvem perda de elementos são os mais recorrentes no português falado pelos latundê. Dessa feita, tais processos são os que têm uma relação direta com a estrutura silábica do Português que se vê obrigada a rearranjar os componentes da sílaba.

2.1.1 Monotongaço

O processo de monotongaço, de acordo com a literatura existente para o português, se aplica a todos os ditongos. Entretanto, alguns contextos se mostram mais favorecedores do que outros. No português falado pelos latundê, os ditongos decrescentes orais¹², assim como no português, de longe, foram os mais monotongados. Além destes, o ditongo nasal decrescente [ãw], tanto em final de verbos quanto de nomes, se mostrou ocorrente na redução.

(1) [de'basõ] *debaixo*
 [i'ɔbasõ] *embaixo*
 ['bahõ] *bairro*

(2) [bi' u] *beiju*
 ['mea] *meia*
 [de'sa *õ] *deixaram*
 [li'ze õ] *ligeiro*
 [ke'me] *queimei*

(3) ['note] *noite*

(4) ['kaze] *causa*

(5) [ke'b o] *quebrou*
 [dehu'bo] *derrubou*
 ['otõ] *outro*
 [vo'to] *voltou*
 [u'vi] *ouvi*

(6) [de'sa õ] *deixaram*
 [fi'ka *i] *ficaram*
 [b ãka *õ] *brincaram*
 [fala *õ] *falaram*
 [sãg *a *i] *sangraram*

(7) [fa'kõ] *facão*
 [mõ] *mão*
 [ko *a'sõ] *coração*
 [g *ã'dõ] *grandão*
 [tuba' *õ] *tubarão*

(8) [taba] *tábua*

(9) [mã * mādava] *mãe mandava*

¹² [ay],[aw], [ey], [ew], [ow], [oj]

Os dados nos mostram que os contextos em que há mais recorrência da monotongação não diferem muito do que ocorre em português. Os ditongos que mais se monotongam são os decrescentes. Bisol, 2001, p. 112, afirma que os verdadeiros ditongos são os decrescentes. Os crescentes, de acordo com a autora, seriam falsos ditongos, uma vez que podem ser realizados como hiato e tem variação livre.

Com exceção de (3), onde o monotongo se dá diante de uma alveolar no contexto seguinte, os demais casos também são categóricos no língua materna. Bisol, 2001, p 112, elenca alguns ambientes mais recorrentes à monotongação como a presença da tepe ou da palatal em posição seguinte que são segmentos que contribuem para a monotongação.

Os ditongos presentes nas formas verbais são mais frequentemente monotongados, o que nos leva a refletir sobre duas hipóteses: i) a entrada dessas formas verbais no português latundê, e; ii) outra explicação se dá ao fato de o Latundê ser uma língua que favorece à monotongação. Conforme Telles, 2002, p.100.

O resultado da monotongação no Português dos latundê difere do apresentado no português. Quando em final de vocábulos, principalmente nas formas verbais do passado simples, a vogal alta posterior é substituída pela anterior, como em [fi'ka¹i] ~ *ficaram*, [sãg¹a¹i] ~ *sangraram*. A explicação para tal processo pode ser encontrado no diagrama de Daniel Jones ao propor a vogal alta anterior como a vogal mais alta. O processo, então, pode se dar pela assimilação.

Em (7), a fusão do ditongo nasal decrescente /ãw/ resulta na vogal nasal média posterior [õ]. Fato este também constatado por Telles, *idem*, p.101:

Os ditongos /aw, ãw/ e /aj, ãj/ são os que mais regularmente sofrem processo de fusão, da qual decorrem as realizações médias baixas [ɔ̃, ɔ̃ɔ̃, ə̃, ə̃ɔ̃]. Os falantes Latundê a partir da geração pós-contato realizam sistematicamente a fusão em tais ditongos.

Em (9), vimos uma monotongação atípica que é o apagamento do glide do ditongo nasal, *mãe* > *mã* ². Neste caso, uma possível explicação estaria no fato de, na frase fonética, a sílaba seguinte conter os mesmos elementos da sílaba inicial do vocábulo anterior, o que favorece a supressão desta semivogal.

2.1.2 Redução¹³ das palatais nasal e lateral¹⁴

A redução das palatais nasal e lateral está diretamente ligada à não existência destes segmentos no inventário fonológico do Latundê. No entanto, estudos apontam estes segmentos como complexos do ponto de vista de seus comportamentos¹⁵.

Câmara Jr. 1977, p. 77, afirma que o processo de palatalização é a responsável pelo surgimento de quatro consoantes no sistema fonológico latino: /ʃ/, /ç/, /ʎ/, /ɲ/. *Historicamente, estas consoantes apareceram no sistema português pela combinação da consoante dura correspondente com um /y/.* O processo de palatalização, portanto, é um

¹³ Entendemos que o termo em uso é bastante reducionista diante da complexidade que se configura o comportamento destes segmentos no PB. A utilização se dá devido à classificação inicial onde optamos elencar os processos a partir da perda, ganho ou permuta de fonemas.

¹⁴ Ressaltamos também que, em alguns casos, o processo de redução da palatal lateral está diretamente ligado a dois outros processos fonético que é a vocalização da consoante palatal, como em [ʎja] > *olha*, e a despalatalização, como em [fola] > *folha*.

¹⁵ No Português Brasileiro, conforme Aragão 1999, p. 04, as palatais nasal e lateral são segmentos que desencadeiam processos fonéticos. Eles podem ser: i) completamente apagados; ii) assimilados com resultado de iotização; iii) mantidos; e iv) realizados como não-palatais.

processo secundário que é resultado de uma assimilação motivada pelo contato com o fonema /y/.

No que tange ao apagamento das palatais em tese, há mais de um processo envolvido. Tal apagamento se daria inicialmente pela despalatalização do segmento mediante a assimilação com o segmento anterior. Outro processo que entraria em ação seria a iotização, uma vez que o apagamento não se configura por completo no dialeto estudado.

Sobre a iotização, Câmara Jr., 1981, p. 149, descreve que se trata de:

“...mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /k/ e /ɲ/, ex: mulher > muyé, nhonho > ioiô (africanismo)”.

Uma explicação provável para a redução destas palatais no Português dos Latundê pode ser corroborado em Silva Neto, 1977, *apud* Aragão, 1999, p. 4, ao afirmar *que os aloglotas (mouros, índios e negros) se mostraram sempre incapazes de pronunciar o /ɲ/*.

No que tange ao percurso histórico, Jota, 1976, p. assegura que a iotização era um processo fonético comum que ocorrera: “...anteriormente à palatalização na passagem do latim para o português. Assim, em latim havia o iode, que se palataliza no português, conforme nos casos de *milia > milya > milha; somnium > sonho*.”

Com base no que afirma o autor, a regra fonética do latim que resultava na palatalização consistia na junção de uma consoante /l/ ou /n/ com /y/ que resultou nas seguintes princípios:

- i) /l/ + /y/ > /ʎ/
- ii) /n/ + /y/ > /ɲ/

No estágio atual do português ocorre um movimento inverso daquele que ocorrera no passado, ou seja o /ʎ/ desdobra-se em /l+y/, e o /ɲ/ em /n+y/.

Em (18), o processo de assimilação regressiva desencadeia a iotização do segmento contribuindo para o surgimento dos ditongos orais decrescentes /uj/, /oj/, e /ej/.

- (18) [muj' ^u] mulher
 [ba' ^uuj] barulho
 [oj'ãñõ] olhando
 [vi'mej] vermelho

No tocante aos exemplos descritos em (19), o processo ocorrente é a despalatalização. Logo, o fonema resultante de tal processo é o a lateral não-palatal.

- (19) ['fɪla] filha
 ['fola] folha

Em (20) e (21), o processo de despalatalização resulta no apagamento total da palatal.

- (20) [miõ] milho
 [fi] filho

- (21) [mi ða] minha

No caso de (22), o que ocorre é o apagamento da palatal. No entanto, há uma prolongação da vogal final, que neste caso é a alta anterior.

- (22) [piki'nĩnĩ:] *pequeninho*
[faki: ɔ] *faquinha*

2.1.3 Aférese

A aférese é um processo fonético que consiste na queda de elementos iniciais do vocábulo. Este processo que fora responsável pelas modificações fonéticas do Latim para o Português, ainda é atuante no estágio atual da língua. A queda da sílaba inicial *es-* em verbos como *esperar*, *estar*, e do *a-* em vocábulos como *aqui*, *acabar*, é muito comum em alguns dialetos brasileiros. Entretanto, no português falado pelos latundê, o processo da aférese se expande para outros contextos linguísticos.

- (23) [ku'tãni] *escutando*
[kapa] *escapa*
[ka'po] *escapou*
[pe' ʔãñõ] *esperando*
[pi' ɔgada] *espingarda*
[pE' ʔa] *esperar*
[tava] *estava*

- (24) [tu'piw] *entupiu*
[gã'no] *enganou*
[te'ha ʔõ] *enterraram*

- (25) ['ki] *aqui*
[keli] *aquele*
[b ʔa'sadõ] *abraçado*
[me'to] *aumentou*
[ko'dadõ] *acordado*
[bãdo'no] *abandonou*
[ka'bofe] *acabou-se*

- (26) [o'sejs] *vocês*
[sejs] *vocês*
[fi' ʔe ɔti] *diferente*
[pi'taw] *hospital*

Em (23), a supressão da sílaba *es-* é realizada diante de /p/ e /k/. Enquanto que em (24), o apagamento de *en-* se dá diante de /t/ e /g/. Já em (25), a queda de *a-* se dá em contextos diversos.

Quanto a (26), os primeiros exemplos não se distanciam do que ocorre em português, *vocês* > [o'sejs], [sejs]. Os exemplos finais apontam para uma redução da sílaba pré-pretônica, o que assinala, neste caso, para o padrão trissílabo e paroxítono da língua.

2.1.4 Apócope

A queda de elementos finais é uma das formas de redução das palavras. Geralmente, assim como nos demais processos, a sílaba tônica é preservada de qualquer alteração.

Embora alguns processos explicados aqui tratem da apócope, como a redução do gerúndio e ditongo finais, ou apagamento da nasal palatal, a exemplo de (27).

| | | |
|------|------------------------|-----------|
| (27) | [b i'ka õ] | brincaram |
| | [zũ'ta i] | juntaram |
| | [tudĩ] | tudinho |
| | [sabõ] | sabão |
| | ['ti õ] | tinha |
| | [kabesĩ] | cabecinha |
| | [vEj] | velho |

| | | |
|------|------|------|
| (28) | [kE] | quer |
| | [ve] | ver |

| | | |
|------|-----------------------|---------|
| (29) | ['maj] | mais |
| | ['n ^h ej] | nós |
| | [nã] | não |
| | [di'fisõ] | difícil |
| | [difisi] | difícil |
| | [tãme õ j] | também |
| | [mã] | mãe |

| | | |
|------|--------------------|--------|
| (30) | [via] | viado |
| | [lu õ] | Lurdes |
| | [dej] | dele |

Em (28), a apócope é do R final, processo muito comum no português atual. Diante de tal explicação, não nos cabe assegurar se o processo é próprio do latundê, ou trata-se apenas da forma como fora emprestado pelo português.

Quanto a (29), os exemplos nos direcionam para a observação da queda de um único fonema final. Enquanto que em (30) o pagamento é de uma sílaba.

2.1.5 Síncope¹⁶

A forma mais comum deste processo se apresentar no português é nas proparoxítonas. Em alguns dialetos, a depender do contexto linguístico, é categórico a ocorrência da redução interna no vocábulo.

Nos exemplos elencados em (28), no caso das proparoxítonas, tal redução é motivada pelo padrão acentual do português que permite com mais tolerância o padrão paroxítono, ao proparoxítono, conforme Silva, 2006, p.78.

| | | |
|------|---------|--------|
| (31) | [muzka] | música |
| | [hapõ] | rápido |
| | [kO/ka] | cócega |
| | [av i] | árvore |

2.2 Ganho de elementos

¹⁶ Os exemplos apresentados demonstram que o processo ocorrente é muito mais motivado pelo português do que pelo Latundê. A nossa classificação fica aqui a caráter de registro.

Embora em menor número, os processos que resultam em ganhos de elementos também ocorrem, timidamente, no Português falado pelos latundê. Como veremos, são poucos os processos, e menores ainda os casos em que eles ocorrem. Isso pode ser explicado, como já fora dito, devido ao fato de as línguas terem um dinamismo próprio que favorecem mais à perda do que aos ganhos de elementos.

(34) [o'sejs] *vocês*
 [Nɔj] *nós*
 [sej] *vocês*
 [nɔjzi] *nós*
 [papejsɪ] *papéis*

(35) [hapazi] *rapaz*
 [hapazõ] *rapaz*
 [dosejzi] *de vocês*
 [tuba õni] *tubarão*

(36) [ato'ma u] *tomaram*

(37) [dese:] *desse*
 ['se:] *esse*

Em (34), o processo de ditongação é resultante de motivações diferentes. A ditongação se realiza com, ou sem, a presença da fricativa alveolar. Embora seja, no Português falado pelos latundê, a fricativa alveolar a favorecedora da ditongação. Vale ressaltar aqui outro processo está diretamente ligado à ditongação é a epêntese, já que a própria ditongação é um tipo de epêntese. No entanto, o que os diferencia é o fato desta ocorrer apenas no interior do vocábulo, enquanto, aquela ter câmbio livre - no vocábulo e entre vocábulos¹⁷ - para se realizar.

Os exemplos dispostos em (35) fazem menção à paragoge, processo que se caracteriza pela inserção de elemento(s) no final do vocábulo. Este processo também está diretamente ligado à presença da fricativa alveolar desvozeada e da nasal. No caso em xeque, a inserção pode ser da vogal alta posterior, [hapazõ] > *rapaz*, mas a preferência é pela vogal alta anterior, [hapazi] > *rapaz*, [tuba õni] > *tubarão*.

Em (36), o processo ocorrente é a prótese, que corresponde à inserção de elemento(s) no início do vocábulo. Se para o processo inverso - a aférese - os dados são em maior quantidade, para a prótese são pouquíssimos os contextos em que ela ocorre. No caso do exemplo, a prótese se dá a presença da vogal baixa diante do verbo. Este tipo de prótese é bem recorrente na Língua Portuguesa.

Outra forma de ganho de elementos pode ser o prolongamento da vogal final. Os exemplos de (37) nos mostra o prolongamento da vogal média anterior, embora seja praticamente ocorrente no mesmo contexto,

2.3 Alteração de elementos (Permuta ou transposição)

O câmbio de elementos linguísticos é fator inerente às línguas. Os contextos em que o câmbio é permitido são diversos e direcionados por distintas regras fonológicas. Desta feita, as línguas são direcionadas à lei do menor esforço. Muitos desses processos não alteram a

¹⁷ Bisol, 1996, p. 116, discorre e exemplifica a ditongação resultante da junção entre vocábulos. Trata-se de um tipo de elisão, conforme *camisa usada* > *cami[zaw]sada*.

estrutura silábica nem a lexical. O que ocorre de fato é a acomodação de alguns segmentos ao dialeto falado o que aponta para a identidade linguística que nos é peculiar.

2.3.1 Vozeamento e Desvozeamento

O processo de desvozeamento atinge as consoantes oclusivas sonoras /g, d/, conforme (45) e (46). Enquanto que em (47), o processo de vozeamento atinge a consoante oclusiva velar desvozeada.

(45) [b ika] briga
 [ko'ʃta] gosta
 [kOvi'õ] gavião
 [kã'ba] gambá

(46) [ti'poj] depois
 [se ɔ'tatu] sentado

(47) [hã'ga] arranca

2.3.2 Abaixamento e Elevação das Vogais Orais

O sistema vocálico das línguas é um "terreno" fértil para a ocorrência de processos fonéticos. As vogais, por sua vez, podem se comportar de três formas bem marcadas: i) elas podem abaixar-se, ii) elas podem manter-se na posição média e; iii) elas podem elevar-se.

No Português falado pelos latundê, os processos de abaixamento e elevação diferenciam-se dos contextos favorecedores para o Português. Os de elevação são em maior número que os de abaixamento, fato este também verificado no Português falado pelos latundê. No caso de (48), o único caso de abaixamento ocorre na vogal anterior nasal /eɔ̃/, que passa a ser pronunciada como vogal baixa.

(48) [asi'na] ensinar
 [asi'nãni] ensinando

Em (49), a elevação atinge a vogal baixa final que passa a se comportar como alta anterior e é a detentora da maior incidência. Nem sempre esta assimilação se dá em decorrência da presença de uma vogal alta no interior do vocábulo.

(49) ['suzi] suja
 ['kazi] causa
 [kazi] casa
 [li ɔ̃gi] língua

A assimilação, às vezes, além de favorecer a elevação da vogal final, altera também o padrão acentual do vocábulo, fazendo com o acento seja deslocado para a sílaba em que ocorreu a transformação, conforme (50).

(50) [ba'ti] bater

Assim como em (49), em (51) a elevação da vogal final também é realizada como alta anterior. Neste caso, não se trata da vogal baixa, mas da elevação decorrente de outra

elevação, pois a vogal média posterior que no português é realizada em posição final como alta posterior, no Português falado pelos latundê é pronunciada como alta anterior.

| | |
|----------------|----------|
| (51) ['li ɔpi] | limpo |
| ['Komi] | como |
| ['p ɛti] | preto |
| [sa' ɛãpi] | sarampo |
| [p ɛi'me ɛi] | primeiro |
| [p ɛe'gisi] | preguiça |
| [mo'segi] | morcego |
| [mo'he ɔdi] | morrendo |
| ['novi ɔ] | novo |
| [cu'ɲadi] | cunhado |
| ['oti] | outro |
| [fikãni] | ficando |

A elevação que ocorre no final dos vocábulos de (52) decorre do fato de alguns segmentos, como /a/, serem flutuantes. Aqui, a vogal baixa, diferentemente de (49) se realiza como alta posterior.

| | |
|-----------------|----------|
| (52) [ka'bes ɔ] | cabeça |
| [ka'n ɛl ɔ] | canela |
| [mini ɔ'nad ɔ] | mininada |
| [ma'la ɛ ɔ] | malária |
| [ku'ruj ɔ] | coruja |

Em (53), o resultado da elevação é também a alta posterior. Porém, neste caso, a vogal que alça é a médio-alta anterior, que no dialeto português é categórico em ser pronunciado como alta anterior. Não há, portanto, uma relação de homorganicidade.

| | |
|---------------|----------|
| (53) ['hed ɔ] | rede |
| [bas'tât ɔ] | bastante |
| ['pes ɔ] | peixe |
| ['not ɔ] | noite |
| ['feb ɛ ɔ] | febre |

Passemos agora ao comportamento das vogais em posição pretônica. O exemplo dado em (54) é bem curioso pelo fato de a elevação ocorrer na sílaba tônica. A elevação deste vocábulo consiste na alteração da vogal baixa para a médio-baixa fato também inusitado para o português brasileiro.

| | |
|--------------|------|
| (54) [h ɛla] | rala |
|--------------|------|

Em (55), ocorre uma relação não-homorgânica, a vogal pretônica sofre uma assimilação parcial. Este tipo de alçamento também é pouco comum no Português do Brasil, salvo em algumas poucas localidades.

| | |
|-----------------|--------|
| (55) [u ɔtig ɔ] | antigo |
|-----------------|--------|

Os dados de (56), (57) e (58) demonstram a falta de uma regularidade no alçamento das vogais pretônicas. Embora seja a vogal [e] a ser assimilada, o fato é que nem sempre esta vogal é motivada pela mesma vogal da sílaba tônica. Distante até do que propõe as regras para o português que aponta a vogal alta anterior como o grande gatilho para a elevação do [e].

Nestes exemplos, não apenas as vogais da sílaba tônica, como o /u/ de [pi'gũta] > *pergunta*, mas os segmentos posteriores às vogais pretônicas os motivadores, como em [hipõdew] > *respondeu*.

- (56) [pi'gũta] *pergunta*
 [pis'kosõ] *pescoço*
 [hipõdew] *respondeu*
 [pigu ɔĩãni] *perguntando*
 [dimo' ɔ] *demorou*
 [vimej] *vermelho*
 [dimu ɔĩãni] *demorando*

- (57) [fukãmõ] *ficamos*

- (58) [kumiw] *comeu*

2.3.3 Nasalização e Desnasalização

A nasalidade no Português falado pelos latundê se dá por assimilação dos segmentos nasais anteriores e posteriores, conforme (59). Nestes exemplos, a presença da vogal alta anterior indica a assimilação do traço de altura das vogais e das consoantes nasais, uma vez que estas possuem também o traço + alto.

- (59) [me'ã] *meia*
 [b ĩ'gãõ] *brigando*
 [fu ɔ'mi ɔõ] *sumiram*
 ['mi ɔmõ] *mesmo*

Em (60) ocorre o processo inverso. A desnasalização se configura em ambientes onde há maior recorrência à nasalização, indicando o quão flutuante neste dialeto é este processo.

- (60) ['ni] *nem (não)*
 ['mia] *minha*
 ['li ɔgi] *língua*

3. Considerações Finais

O estudo das línguas indígenas é de suma importância para a compreensão das línguas do mundo. Tal preservação pode, e muito, contribuir para o fazer científico linguístico no que tange ao funcionamento das estruturas linguísticas existentes - a ver os universais.

Nesta pequena reflexão sobre o contato linguístico do português com o latundê percebemos o que já era esperado: o contato entre os sistemas linguísticos desencadeiam uma série de interferências na variante resultante, neste caso específico - o português falado pelos latundê.

Vimos neste recorte que alguns processos fonéticos têm implicações diretas no sistema vocálico do intercruzamento destas línguas (português e latundê). No mais, uma análise mais apurada será de grande valia para chegarmos à conclusões maiores.

Referências Bibliográficas

- AUER, Peter. From code-switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech. *International Journal of Bilingualism*. Vol.3, nº 4. 1999.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4ª ed. São Paulo, HUCITEC: 2010.
- BISOL, Leda. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª Edição. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001.
- CÂMARA-JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36ª Ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. Cortez Editora, São Paulo, 2009
- CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora e Livraria Padrão, 1977.
- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Introdução à Linguística: Objetos Teóricos*. 5ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 141-163.
- COSERIU, E. *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: Presença/USP, 1980.
- COUTO, Hildo Honório do. A QUESTÃO DA GRAMATICALIZAÇÃO NOS ESTUDOS CRIoulos. Disponível em <http://www.didinho.org/a%20questao%20da%20gramaticalizacao%20nos%20estudos%20crioulos.htm>. Acesso em 12/10/2012
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2008.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo, Editora Contexto, 2011.
- _____. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6ª ed. São Paulo. Editora Contexto, 2002.
- _____. Morte de língua ou mudança linguística? *Revista do Museu Antropológico*, Volumes 5-6, n. 1. Goiânia, UFG, 2002.
- DUBOIS, Jean. Et all. *Dicionário de Linguística*. Editora Cultrix. São Paulo, 1998.
- FERGUSON, C. A. Diglossia revisited. *Jornal of linguistic*. n. 10, 1991.
- FISHAMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Jornal of Social Issues*, 1967.
- HYMES, Dell. *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge, Cambridge University Press, 1971.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.) *Manual de Linguística*. Editora Contexto, São Paulo, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Editora Contexto, São paulo, 2004.
- NEVES, Débora David. *Contato Linguístico no Pará: o caso do português aikewára*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. 2009.
- LASS, Roger. *Phonology: An introduction to basic concepts*. Cambridge United Press, Cambridge, 1995.

ROMAINE, Suzanne (2000). *Language in Society : an introduction to sociolinguistics*. 2ª ed. New York: Oxford University.

_____ (1995). *Bilingualism*. 2ª. Ed. Blackwell, Oxford University, Oxford.

SCHANE, Sanford A. *Fonologia Gerativa*. Editora Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

SILVA, André Pedro da. *Supressão da Vogal Postônica Não Final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar Sapeense*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2006.

_____. *Vogais Postônicas Não Finais: do sistema ao uso*. Tese de Doutorado. João Pessoa. UFPB/PROLING, 2010.

SPENCER, Andrew. *Phonology: Teory and description*. Blackwell Publishing, Cariton, 2005.

TARALLO, Fernando & ALKIMIN, Tânia. *Falares Crioulos: Línguas em contato*. Ed. Ática. São Paulo: 1987.

TELLES, Stella Virgínia de Araújo Pereira Lima. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Academish Proefschrift. Tese de Doutorado, 2002.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Editora Contexto. São Paulo, 2004.

WEINREICH, Uriel. (1964). *Languages in Contact*. Nova York: Linguisticss Circle of New York

WEINREICH, Uriel, LABOV, Willian & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança Linguística*. Editora Parábola, São Paulo, 2006.